OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 853

10 DE SETEMBRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pelo T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. ALFREDO DA CUNHA

DIRECTOR PROPRIETARIO DO *Diario de Noticias*

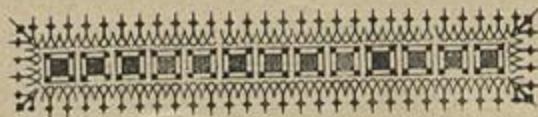
A serenidade que se nota no retrato de Alfredo da Cunha mostra bem a tranquillidade de animo, quasi inalteravel, que elle possue.

Das qualidades que mais exornam um caracter nenhuma lhe falta. Ao verdadeiro talento ajunta a mais operosa aptidão, que, bem cedo, lhe conferiu a necessaria idoneidade para as funcções que desempenha.

Ou dirigindo o importante jornal lisbonense *Diario de Noticias* ou minutando, como advogado da Companhia dos Tabacos, as respectivas consultas, Alfredo da Cunha tem mantido sempre a mais extremada correcção.

E n'essa vida tão cheia de trabalhos ainda sabe aproveitar uns raros momentos de ocio para se entregar ao convivio das musas. Filho de poeta e doutorado em Coimbra logo na sua mocidade academica deu largas á inspiração, nas lindas composições que depois publicou no seu volume «*Endeixas-Madrigaes* e *Rimas Soltas*» e a que se seguiram as do livro «*Versos*».

Alma de poeta e caracter diamantino Alfredo da Cunha tem ainda o dom de um trato insinuante, sem excessos de affabilidade nem de affectada lhaneza.

Pelas suas elevadas qualidades lhe tributamos todos quantos o conhecemos a mais attenciosa consideração.

CHRONICA OCCIDENTAL

Devido á muita amabilidade da redacção da *Mala da Europa*, recebemos um exemplar da conferencia, que, sobre o *Elemento portuguez no Brazil*, fez no Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, o notabilissimo escriptor brazileiro, Dr. Sylvio Romero, um dedicado amigo de Portugal.

Aqui nos referimos já com gratidão ás palavras eloquentes com que a voz auctorisada de Sylvio Romero exaltou a nação, que *transplantada e transfigurada na America*, deu origem ao Brazil, sua maior honra.

Publicando agora em separado esta conferencia, quer assim a *Mala da Europa* mostrar sua adhesão á homenagem que em Portugal se prepara ao escriptor que tanto quer á lingua que seus paes lhe ensinaram. A seu lado hão de estar quantos saibam reconhecer uma divida da gratidão.

Entremos no bom caminho de tambem prestarmos homenagem a vivos e não sómente escrever frazes de maior elogio entre os travessões de necrologio, que, por lei fatal, ha de sempre vir cortar o nosso noticiario.

Coube agora a vez a Ferreira d'Almeida, um dos vultos mais em evidencia da nossa politica, distincto official da armada, que, em Italia, onde levára para reparações o cruzador *Vasco da Gama*, foi victima d'uma dolorosa e prolongada enfermidada. Genio arrebatado, gabam lhe quantos o conheceram excellentes qualidades do seu coração. Foi ministro da marinha com o partido regenerador e foi um dos socios fundadores da sociedade de Geographia. Como official da nossa armada era dos mais conceituados. Sobre as nossas colonias manifestou alguma vez o parecer favoravel á sua venda, como remedio ao nosso máo estado financeiro, modificando posteriormente sua opinião.

Fomos, ha dias, visitados por uma divisão naval japoneza e por essa occasião deram os jornaes de Lisboa resenha da formidavel esquadra, das mais poderosas do mundo, que hoje possue o imperio do extremo oriente, onde foram portuguezes os primeiros europeus a desembarcar. Que voltas deu o mundo em menos de quatro seculos! O Japão está dos maiores imperios, desde que entrou no caminho de acceitar a civilisação do occidente, Portugal tentam-o a que venda as suas colonias!

Avistámos por essas ruas alguns marinheiros japonezes, com os olhos obliquos muito intelligentes, maçãs do rosto salientes, bigoditos ralos.

Em má estação vieram a Lisboa, que deviam achar muito triste, sem o seu lindo céo de verão, sem a sua animação de inverno.

Já lá vai o Senhor da Serra, romaria que dizem ter sido este anno concorridissima. Com ella e o cirio da Atalaia, disseram adeus as festas populares.

Abriu o theatro da Rua dos Condes com a primeira representação da opera comica, *O Cão do Inglez*, que dizem ter agradado muito. A companhia é já difinitivamente a que deve funccionar durante o inverno todo e tem como director o José Ricardo e como principal estrella a Loppiccolo.

E' esta a unica noticia a archivar de principio de inverno.

Lisboa continua na sua tristeza habitual, recebendo noticias do movimento que vai por certas terras da provincia e sobretudo á beira mar.

Quem poude ainda ver bellas coisas foi o professor francez, Mr. Viala, que tem percorrido, acompanhado pelos agronomos portuguezes, as principaes regiões vinhateiras do nosso paiz.

Tendo viajado pelo Douro, fez, na conferencia que realisou no Porto, o elogio de seus vinhos de typo incomparavel.

Linda viagem fez, ainda que já o sol tenha doirado as folhas das vinhas e já comecem, por entre o tapete verde, a terrejar as serras.

Foi Mr. Viala a Collares e encantou-se com a formosura d'essa região sem rival, que é Cintra e nem a singularidade da plantação d'aquellas vinhas, em covas profundissimas, o poude distrahir da belleza do quadro que se lhe desenrolava ante os olhos. Encantaram-o o pincaro da Pena e o Castello dos Moiros, os cedros de Penha Verde e os velhos ulmeiros da estrada cobertos de musgo onde crescem os fetos. Viu na fantastica vivenda de Monserrate, ao lado dos fetos do norte, crescer toda a luxuosa vegetação tropical.

Marchou depois para Santarem e outro quadro muito diverso se lhe desenrolou ante os olhos; atravessou a ponte, foi até Almeirim e Alpiarça e poude alongar a vista pelos bellos campos do nosso Ribatejo.

Da viagem que tem feito, inolvidaveis recordações deve levar, tanto mais que os portuguezes são hospitaleiros e teem recebido com toda a deferencia seu illustre hospede, a quem o governo portuguez acaba de agraciar com a commenda de Christo.

Tambem medicos e engenheiros portuguezes, em missão de lucta contra a tuberculose, agora se reuniram fóra de Lisboa e n'uma das mais bellas cidades de Portugal, em Vianna do Castello.

Na *Medicina Contemporanea* Bento Moreno fez uma discripção da formosa terra minhota e dos costumes de seus habitantes, antevendo a recepção que havia de ser feita aos homens de sciencia que tão dedicados se teem mostrado.

Um dos pontos mais discutidos foi o da fundação de bairros novos higienicos, que tão necessarios se tornam nas cidades em que a accumulação dos habitantes é o maior auxilio ao desenvolvimento dos microbios. Não sei se no congresso, entre os engenheiros, figuram alguns architectos. A estes é que competia fazer a planta das novas edificações, que, com serem pobres, podem entretanto sua belleza ter e não destoar do caracter da cidade onde sejam construidas. A higiene não tem obrigação de pôr de parte toda a esthetica.

Discutindo-se a maneira de angariar os fundos necessarios para o combate do terrivel inimigo, falou-se mais uma vez de loterias e jogos, o que achou logo opposição em alguns dos congressistas.

E' este o mez em que mais discutido anda a teimosia muito para elogiar do sr. Hintze Ribeiro n'esse assumpto. Dizem que as praias estão n'uma semsaboria pasmosa. Em vez de escolherem o sr. Hintze para alvo de sua maledicencia queixem-se os banhistas de sua falta de fantasia propria.

Em Lisboa, para manter-se o fogo sagrado-policial, houve dois assaltos, um ao club da Calçada do Marquez de Tancos, onde ninguem foi encontrado a jogar, e outro a uma batota pataqueira da rua de Caetano Palha d'onde foram levados meia duzia de pontos com meia duzia de mil réis.

Ganhar dinheiro ao jogo tem perigos, mas não dá trabalho. Os ladrões em Lisboa, com muito trabalho e muitos perigos, teem ultimamente muito dado que falar.

Depois da infamia das farinhas e da pavorosa da cerveja, depois das peripecias em viagens atraz dos moedeiros falsos, parece que havia um certo direito a descanço, quando surgiu a noticia do roubo ao cambista da rua do Arsenal, tendo os ladrões entrado pelo primeiro andar e aberto um furo no soalho.

Os ladrões são como microbios, fecundos em gerar ladrões. Os roubos raro apparecem isolados, mas sempre em série. Depois, sabendo da consideração dada ao dinheiro, seja a origem d'elle qual for, os ladrões tratam de ser gente de consideração roubando o mais que podem.

Entretanto, ainda até hoje os peores que nos appareceram foram os das farinhas, e, já que a imprensa levantou a questão, não deve esmorecer n'ella. Ao roubo juntava-se ahi uma verdadeira tentativa de assassinato.

Esta multiplicação de roubos por toda a parte revela uma sociedade profundamente immoral, pois a razão de serem muitos está sobretudo na consideração prestada á riqueza acima de todas as virtudes.

A famigerada intrujona Madame Humbert todos sabem como estava relacionada na sociedade franceza. Que outras qualidades teria ella, além do dinheiro roubado, para assim atrahir a gente?

Até depois de lhe haverem posto a calva á mostra, ainda ficou celebridade. Raro é o dia em que uma ou outra agencia telegraphica nos não dá noticia de s. ex.ª e de sua illustre familia. Diz agora o *Daily Mail*, conforme telegramma de Paris, que a familia Humbert está no Uruguay, tencionando partir para o Brazil sob disfarce de exilados boers.

Já é vontade de fazer romance.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO

É primeiro do que tudo um homem de coração a par d'uma intelligencia clara e de uma actividade e iniciativa pouco vulgar entre nós.

O sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, que tem sido levado ao parlamento pelo sufragio popular, tem sempre correspondido a seu mandato defendendo os interesses de seus eleitores, e d'elle se póde dizer que é solicito procurador do povo, que nem sempre lhe tem agradecido.

Mas o sr. Costa Pinto pouco se importa com essas ingratidões tão vulgares, porque fica com a consciencia tranquilla e satisfeita por ter praticado o bem.

Por onde elle passou deixou ficar um rastro de luz benefica nos melhoramentos publicos que promove.

Todos estarão lembrados do que o sr. Costa Pinto fez pelos pobres pescadores da Costa da Trafaria, quando d'entre a devastação de um incendio que destruiu suas pobres palhoças, elle fez surgir casas mais confortaveis para os habitantes d'aquella terra.

Todos teem assistido á transformação operada pelo sr. Costa Pinto na villa de Cascaes a cujo municipio preside.

E quanto mais poderiamos citar se viessemos aqui fazer estendal de seus serviços.

É por isto que a nomeação agora feita pelo governo, do sr. Costa Pinto para provedor da Real Casa Pia de Lisboa, foi geralmente bem acceite, porque todos prevêem a boa administração do novo provedor.

Estamos certos que uma nova era de prosperidades vae ter aquella instituição de beneficencia entregue a tão solicito quanto activo provedor, pois que, apesar do cargo ser pesado, o sr. Costa Pinto o tomará de boa vontade porque lhe ajusta bem aos seus sentimentos altruistas.

EXPEDIÇÃO MILITAR AO BARUÉ

Continuam a ser favoraveis as noticias recebidas d'esta expedição militar, confiada ao commando de Azevedo Coutinho.

Chegada que foi a Loanda ahi lhes passou revista o valoroso commandante, encetando pouco depois a sua marcha para o interior.

Os telegrammas recebidos até hoje tem annunciado uma serie de victorias da expedição portugueza, das quaes a ultima foi a derrota do principal regulo do Barué, Macombe, o que provavelmente fará terminar a campanha, se não sobrevierem novas resistencias.

É realmente assombroso como com tão limitadas forças militares se tem alcançado victorias decisivas que a outros custam milhares de vidas, grandes movimentos de tropas e dispendiosas munições de guerra.

É que áparte o prestigio que os portuguezes tem na Africa, a resistencia, sobriedade e disciplina do soldado portuguez não tem outra que se lhe compare, e é assim que o nosso exercito hoje continua as tradições d'outros tempos que foram gloria para Portugal.

De Lisboa a Aldegallega, Pinhal Novo, Setubal e Palmella

De Lisboa para Aldegallega os ronceiros vapores da Parceria, ex-empreza Burnay, vieram substituir-se á antiga viagem na falua, que andava com o vento e com a maré. Aquella viagem incerta, demorada, rapida ou impossivel, conforme o vento ou a maré ajudavam ou contrariavam o designio do tripulante, succedeu a viagem morosa, vagarosa dos vapores, mas pelo menos mais certa e mais commoda. Duas vezes por dia, larga o vapor do Caes do Sodré, da vergonhosa ponte em derrocada, indigna de figurar junto aos caes de tão formosa cidade, e singra atravez da larguissima bacia do Tejo, passando em frente do Seixal, do Barreiro, do Montijo. Aqui, junto á pequena ilhota em que se vê um chalet, em cujo ancoradouro permaneceu por longo espaço de tempo o arcabouço do vaporsinho de Santos Neto, o vapor entra no sinuoso esteiro onde, ao cabo de mais de meia hora de percurso, chega á ponte-caes de Aldegallega. A paizagem d'esta região da margem sul do Tejo é ridente; terras baixas, onde por entre fracos pinhaes alvejam algumas casas ou se avistam os telhados de Sarilhos e a casaria mais extensa de Aldegallega. Na maré cheia, é um vasto lago, sobre que redemoinham as gaivotas, e que se espraia pelas marinhas, movendo os moinhos de agua onde se moem cereaes. Maré vasia transforma-se a paizagem completamente: bancos de lodo, cobertos de plantas marinhas, por onde correm os patos e aves aquaticas, e por entre os quaes serpeia o esteiro em sinuosas voltas, até á ponte-caes. Então, barcos de pesca, levam os pescadores que procedem á armação das redes, onde deve enleiar-se e ficar preso o peixe, quando novamente a maré vasar. Outros, rapazes ou homens, percorrem os mouchões, de perna nua, e cabaz no braço, recolhendo o camarão e a ostra. São afamadas as ostras do Montijo. No rio abundam o charroco, a tainha, a dourada, a boga e outro peixe miudo. Na maré cheia o vapor orienta a sua marcha pelas balisas toscas, pinheiros cravados no lodo, que indicam o rumo por onde não ha perigo de encalhe. Barco de maior lotação corre o risco de ficar preso nos lodos, sempre que a altura da maré seja menor. Não poucas vezes succedido tem já o encalhe do vapor, condemnado n'esses casos, a conservar-se assim durante horas, até que a maré venha novamente trazel-o á fluctuação. Por isso os barcos que para alli fazem usualmente carreira, são os de menor lotação, assim como tambem, por outros motivos, os mais deteriorados e velhos. Foram em tempo o *Isaura* e o *Furão*, presentemente o *Rio Tejo* e o *Lusitano*; raras vezes o *Victoria* que só póde navegar com muita agua.

A' medida que nos approximamos da villa, onde se destacam por sobre os telhados as torres da egreja matriz, e junto ao caes o vasto edificio da cadeia, vai-se desenrolando mais e mais o panorama da casaria, até que porfim, chegado á ultima balisa, o vapor descreve uma volta e acha-se em frente do antigo caes, sobre o qual se ergue a pequena barraca de madeira, pintada de amarello,—a estação dos vapores. Este caes de cantaria, construido por conta do Estado em 1852 pelo engenheiro Pezerat, fica na extrema de uma extensa avenida, em talude, lançada com muros de alvenaria sobre os lodos, n'um percurso de 315 metros.

Findou aqui a travessia. Esta viagem de Lisbóa para Aldegallega e de Aldegallega para Lisboa era o caminho antigo de viajantes e mercadorias entre o Alemtejo e a capital. Alli embarcou, em 1728, no seu regresso de Vendas Novas, o faustosissimo cortejo que acompanhava o rei D. João V e a nova rainha D. Marianna Victoria.

Vindo de Evora, onde se refugiára, acossado pelas victorias dos liberaes contra os exercitos do seu cunhado e intimo alliado D. Miguel de Bragança, veiu o irmão de Fernando VII de Hespanha, D. Carlos de Bourbon a Aldegallega onde, sob a protecção da embaixada ingleza, embarcou em 1 de junho de 1834 n'um escaler britannico que o levou para a nau *Donegal*, a bordo da qual foi conduzido para Inglaterra.

Tambem, antes d'isso, em 1805 uma franceza, escriptora illustre, Laura Permon, mulher do marechal Junot, vinda por Hespanha, chegava a Aldegallega e d'ahi embarcava para Lisboa, onde vinha desempenhar o papel de embaixatriz da côrte napoleonica, em companhia de seu marido, o destemido soldado do imperador. Laura Permon, a quem mais tarde, por dadiva graciosa de Napoleão, coube o titulo de duqueza de Abrantes, escreveu tempo depois nas suas interessantissimas memorias um trecho em que, descrevendo a sua viagem, assignala de uma forma bem frisante a impressão indelevel que no seu espirito culto de artista e de viajante, que levada na onda das glorias militares de seu marido havia percorrido a Europa, deixou este espectaculo soberbo de Aldegallega e da travessia do Tejo. Não posso furtar-me a reproduzir aqui, esse trecho, porque, julgando-o pouco conhecido de portuguezes, o considero digno de maior divulgação. Representa as expressões de sincero enthusiasmo de tão illustre viajante, perante estes reconditos e ignorados logares da nossa terra patria, e a descripção calorosa das bellezas d'este quadro, cujos encantos a propria viajante confessa excederam quanto acerca d'elles encomiasticamente lhe haviam referido.

Diz Laura Permon:

«Dominou-me o pasmo; e esquecendo os louvores que desde Paris até Madrid me tinham repetido, deixei-me seduzir pelo encanto d'aquelle magnifico e esplenderoso panorama que surgia ante mim. Não ha cidade alguma no mundo, julgo eu,

que offereça a perspectiva que apresenta Lisboa a quem chega de Hespanha; a extensa toalha de agua, formada pelo Tejo, que em alguns pontos tem legua e meia de largura, limitada na outra margem por uma cidade immensa, erguendo-se em amphitheatro sobre os montes marginaes, e cujo porto, cheio de um sem numero de embarcações, simelha uma floresta de mastros, sobre os quaes ondulam as côres de cem nações diversas; visto que Portugal, na epocha em que falo, se achava em paz com o universo.

«Pode escrever-se e dizer-se que Lisboa é uma cidade grande e formosa, construida sobre um magnifico rio, com arredores lindissimos, um ceu limpido e abundantes perfumes; de tudo isto é facil tratar; mas pintar com a palavra ou com a penna, por muito eloquente que se seja ou se pretenda ser, o aspecto de Lisboa, quando a ella chegamos, vindo por Aldegallega, por Cacilhas ou pela Moita, é cousa impraticavel. A admiração que me causou, deixou-me impressão tão funda e inolvidavel, que ainda hoje, transcorridos annos, se conserva no meu espirito sem a menor alteração. Parece-me ainda estar vendo esta esplendorosa cidade, com o seu rio, os seus jardins, torres, conventos e palacios, esse quadro, talvez unico, illuminado e colorido em toda a sua belleza, por um sol radiante e quente, que ao tempo em que eu cheguei a Lisboa, ainda se não tornava importuno.

«A pouca distancia de Aldegallega, o panorama de Lisboa é extraordinario, mas sempre pittoresco. As margens accidentadas e recortadas do Tejo, formam como que uma unica cidade. No fundo do quadro destacam-se os agudos picos da serra de Cintra, elevando-se acima dos montes sobre que assenta a cidade de Lisboa. A' direita, do meio das planicies, ergue-se a serra da Arrabida; depois, á medida que nos vamos acercando, parece que a cidade vai emergindo do seio das aguas. Distingue-se o arsenal, a praça do Commercio, o terreiro do trigo; á esquerda distinguem-se os montes de Belem e Ajuda, com a egreja e o palacio real.

«E quando, por uma formosa noite de primavera, se navega n'esse Tejo tão poeticamente celebrado, n'esse rio aurifero; quando se veem todas as bellezas de Lisboa e dos arrabaldes, desde as collinas de Sacavem até Belem e Ajuda, admirando as bellezas sempre novas de Almada, e da sua pittoresca egreja, até chegar a Pedrouços, comprehende-se bem o adagio dos portuguezes, quando dizem com orgulho:

Quem nunca viu Lisboa
nunca viu cousa bôa.

. . . .

«A noite que passamos em Aldegallega foi arrebatadora. Estavam as laranjeiras cobertas de flôr e os seus pomos de ouro, sufficientemente maduros, constituiam já o fructo mais excellente e mais formoso; as romanzeiras, cobertas de flores purpurinas, ostentavam-se nos vallados junto das piteiras e dos geranios; e a par de tudo isto as palmeiras, as magnolias, as daturas.

«Tudo replecto de luz e de perfume, tudo vida e vida afortunada nas recordações que me restam d'esta noite memoravel . . » (1)

Outro viajante extrangeiro, um frio, reservado e fleugmatico inglez, mr. Hughes, não pode manter-se indifferente perante este mesmo espectaculo e exclama: —

«É delicioso o panorama do rio em frente de Aldegallega; as margens cobertas de vinhas e olivaes e d'entre elles surge o povoado, com as suas faluas de velas soltas ao vento, a egreja com as suas duas torres truncadas e ao fundo por de sobre os pinhaes a egrejinha de Nossa Senhora da Atalaya, Palmella com o seu castello, sobre uma encosta abrupta, e uma fiada de montes em ondulações caprichosas se extende para um lado até Setubal e para o outro até á barra de Lisboa......

«É um um grande rio este Tejo! — o mais formoso da Europa: — muitos poetas assim o tem sentido e cantado a sua belleza.» (2)

É muito antiga a povoação, comquanto bem pobre d'essas reliquias archeologicas que tanto alegram o investigador erudito, e relatam ás modernas gerações minudencias, curiosidades historicas da vida dos seus antepassados. Em Aldegallega, de monumentos antigos, apenas a egreja matriz — da invocação do Espirito Santo, de construcção antiquissima, com tres naves e columnas.

Por documentos do archivo da antiga casa do marquez de Soidos está apurado que este templo, sob a invocação do Espirito Santo, existia em Aldegallega antes de 1511, e pelo que diz o P.e Cardoso no *Dicc. geographico* se infere, que foi reedificado antes de 1550. Só depois d'esta reedificação passou a ser a egreja matriz, pois que antes, era a capella de S. Sebastião, hoje annexa ao cemiterio da villa. (1)

A capella mór, estylo manuelino, é de pedra artezoada, que vandalicamente pintaram, e tem bellos azulejos datados de 1708. A primeira capella da epistola tem a seguinte inscripção: —

Esta capella de Nossa Senhora da Purificação estituiram os omeis trabalhadores desta villa, ano de 1607.

Na primeira capella do lado do Evangelho, lê-se:

Esta capella da Madre Deos fizerão hos mariantes destavila. 1575.

Por cima da janella do côro ha uma lapide onde diz:

Restaurada em
1898

A teia da egreja é de pau santo torneado, seiscentista. As paredes forradas de azulejos azues e brancos, em bellos quadros, de epocha seiscentista. O pulpito é de marmore, com grades de bronze.

A Misericordia da villa fundada em 1520, segundo consta de um livro existente no Archivo da Administração do Concelho, tem a sua egreja e hospital, no largo do Poço. É uma egreja pequena, em cuja capella-mór se vê em campa rasa a sepultura do fundador da Irmandade.

A campa tem um lettreiro que diz:

S.A DE N.O ALṼZ PR.A E DE
ISABEL. DALMEIDA. SVA MO
LHER. Q̃ DA SVA CASA. FI
ZERAOM MORADA.
ATE O GRÃ DE DIA DO
SÑOR. ERA 1575

. D. N.O ALṼZ

Este D. Nuno Alvares Pereira, deve ser o 3.º conde de Tentugal, filho de D. Francisco de Mello, 2.º marquez de Ferreira. Foi Provedor em 1588. Falleceu em 28 de fevereiro de 1597. (2)

No pequeno archivo d'esta Misericordia muito cuidadosamente arrumado (singularidades da nossa terra! quantos outros archivos bem mais importantes se acham entregues ao mais deploravel abandono!) ha 5 livros de Tombo e de escripturas desde 1501, e livros de receita e despesa datados de 1553. A edição do seu compromisso é de 1705. Em 1589 adoptaram o compromisso da de Lisboa.

Antes da Misericordia havia na villa uma antiga Albergaria, na rua chamada do Hospital, a qual existia anteriormente a 1501, segundo se infere do Livro do Tombo da Misericordia.

Adeante da Praça dos touros ha tambem um grande predio cuja construcção denota grande antiguidade.

Segundo parece são escassos os documentos para a historia da villa, comquanto esteja muito bem organizado o archivo municipal. Por isso a seu respeito pouco se tem escripto, e o artigo de Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*, quasi nada nos refere. Os edificios de melhor apparencia que na villa se encontram, são o dos paços do concelho, á entrada da rua Direita, denominados o *Paço*, e nas lojas do qual se vendem a carne e o peixe, e o edificio moderno (1879) da cadeia e tribunal.

A maioria das casas tem o aspecto antigo, de um só andar, lojas terreas, com portas e janellas revestidas exteriormente de rotulas, em que se abrem uns postigos ou adufas, por entre as quaes o mulherio curioso espreita quem passa na rua. Modernamente porém, muitos predios e edificações novas tem sido feitas na villa, de magnifico aspecto e seguindo os modelos de construcção moderna.

Aldegallega tem bellas ruas, como a de José Maria dos Santos, uma vasta praça e bairros novos com extensos arruamentos.

Não nos propomos descrevel-a. Apenas registamos algumas notas de impressões. (1)

A população é extremamente laboriosa; vive exclusivamente entregue á labuta das suas industrias, ao fabrico do vinho, á matança dos porcos e cevados, á preparação da carne ensaccada, ao commercio de exportação, servindo esta localidade de mercado aos productos alemtejanos. Era d'antes o emporio d'esse commercio, de que o caminho de ferro do Barreiro lhe cerceou uma bôa parte.

No fim do verão, quem percorre as ruas de Aldegallega só vê as carretas cheias da uva pisada, que vem dos lagares, ou de balsas com vinho; dentro das casas da chacina só se veem as mulheres em volta de grandes mesas, na sua tarefa de picar a carne, fazer os enchidos e salgar o toucinho. Os vapores vem atulhados de carga, cestos vindimos cheios de cabeças de porco, de mantas de toucinho, de chouriço, de chispes; canastras de uva, de laranja, de romãs, potes e panellas de banha de porco; uma faina enorme de embarque, tudo ás costas de carregadores. No molhe muitas faluas á carga constantemente. Entre os passageiros do vapor não se ouve senão um unico assumpto de conversação — o negocio: — como vae o vinho este anno? — F. já vendeu o seu por tal preço, etc.

Um pregoeiro percorre as ruas annunciando em voz rouquenha o preço dos generos que ha no Paço — o peixe especialmente. Tambem lança em pregão qualquer noticia de interesse, por ex. uma alteração no horario do vapor.

De noite se fazem os casamentos e os enterros, no intuito de não desviar os laboriosos habitantes do activo exercicio de seus mistéres. É imponente e lugubre o aspecto de um enterro, acompanhado por tochas, atravez das ruas da villa, até ao cemiterio, que fica na extrema, á beira da estrada da Atalaya. Na capella do cemiterio dita de S. Sebastião, é digno de reparo um arco manuelino de primorosa esculptura, que se encontra dentro e a meio d'ella.

Suja e fedentinosa como todas as povoações ao sul do Tejo, Aldegallega está cercada de ricas e formosas quintas, que produzem abundantissimos fructos. Estas quintas orlam as estradas que da povoação irradiam em direcção ao Samouco, a Alcochete, á Atalaya, á Moita e ao Pinhal Novo.

(Continúa).

Victor Ribeiro.

Visitas d'El-Rei D. João V á Inquisição de Evora

No anno de 1725, a 7 de outubro, ajustaram-se em Madrid os artigos preliminares dos tratados para o casamento do principe do Brasil, depois D. José I, com a infanta hespanhola D. Marianna Victoria, e o do principe das Asturias, depois Fernando VI, com a infanta portugueza D. Maria Barbara, e, ultimadas as negociações, celebraram-se finalmente os desposorios dos primeiros na côrte de Hespanha, e os dos ultimos na de Portugal. O fim d'estas reciprocas uniões era apertar os antigos laços de parentesco entre as duas familias reinantes, e com elles as relações entre os dois paizes, que durante muito tempo enfraquecera a guerra da successão á corôa de Hespanha, em que Portugal representou tão notavel papel, chegando as suas tropas, sob o commando do marquez das Minas, a entrar victoriosas em Madrid e a proclamar ahi o governo de Carlos III.

Com o anno de 1728 cuidou-se na entrega das princezas. Decidiram os reis D. João V e D. Filippe V fazel-a pessoalmente, encontrando-se nas extremas dos seus reinos, para o que foi escolhido o rio Caia, que junto de Badajoz os separa, e no qual se fabricou uma casa magnifica de madeira dividida em três compartimentos: um da parte de Portugal, outro de Hespanha, e outro intermedio, destinado á entrevista dos soberanos.

Não é nosso intento descrever aqui a grandeza com que D. João V realisou esta jornada, nem o acto da entrega. Basta sabermos que o acompa-

---

(1) Laura Permon, Duchese d'Abrantes. — *Memoires de M.me la Duch.se d'A., ou souvenirs historiques sur Napoleon, la revolution, le directoire, le consulat, l'empire et la restauration. Quatrième edition. — Bruxelles — 1837.*

(2) Hughes — *A few months of residence in Portugal.* — II vol. pag. 290

(1) Leia-se a curiosa noticia do *Seculo*, de 22 de agosto de 1902.

(2) *Historia genealogica*, tomo XI.

(1) Para a sua descripção veja-se o *Seculo* n.º 6611 de 3 de junho de 1900.

nhou a maior parte da côrte; que no dia 8 de janeiro de 1729 sahiu de Lisboa, embarcando perto das oito horas da manhan no bergantim real com o principe, o infante D. Antonio e os criados que o seguiam; que ás quatro horas da tarde entrou em Vendas Novas, onde pernoitou no palacio que para isso ahi mandara construir de proposito, e que no outro dia continuou a viagem, e, passando por Montemor, foi ficar a Evora, onde se demorou alguns dias. A rainha, acompanhada da infanta D. Maria Barbara, infante D. Pedro e pessoas da sua comitiva, partiu de Lisboa a 9; foi n'esse dia poisar a Aldegallega, no outro a Vendas Novas, e, por causa do máo tempo, só a 12 chegou a Evora.

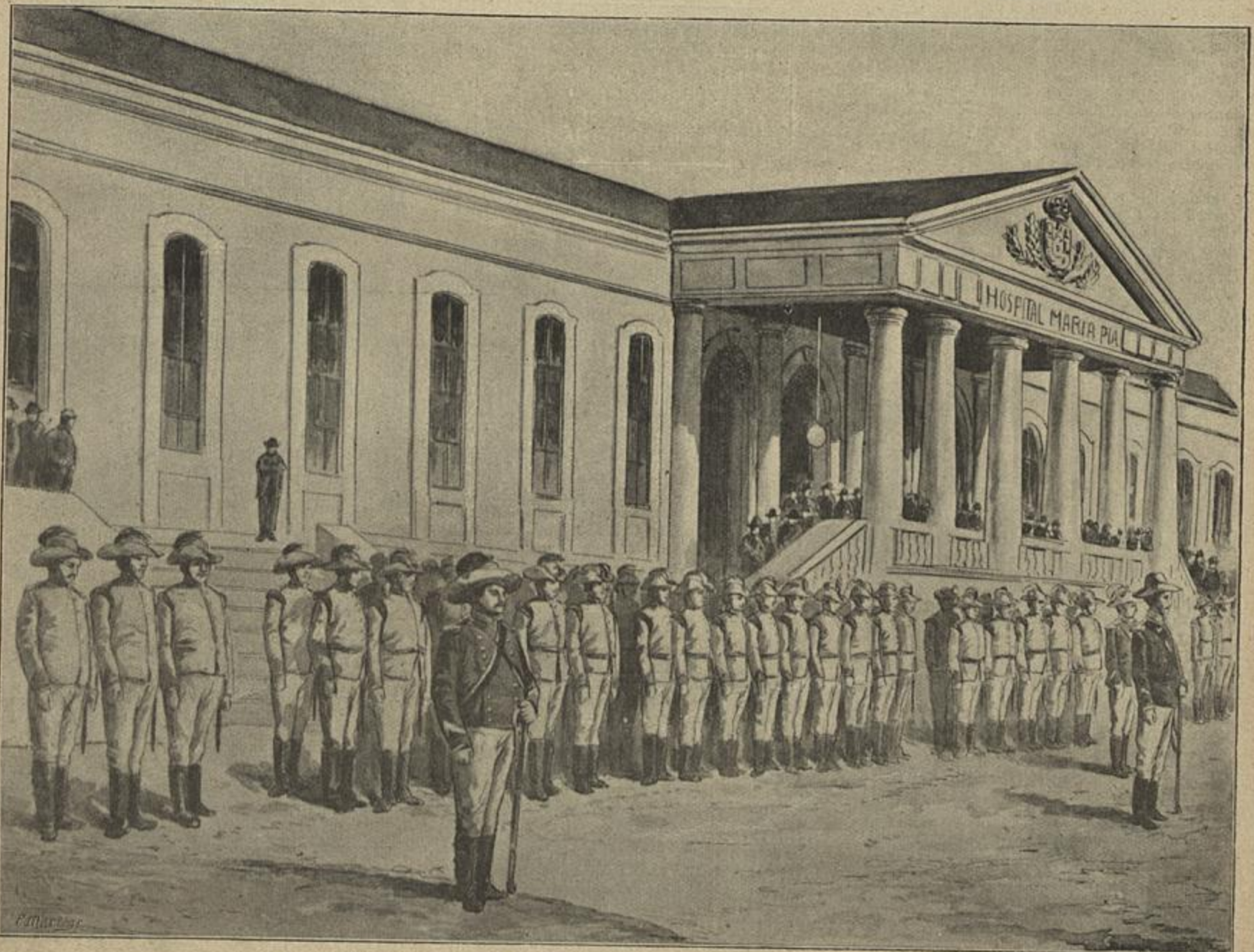
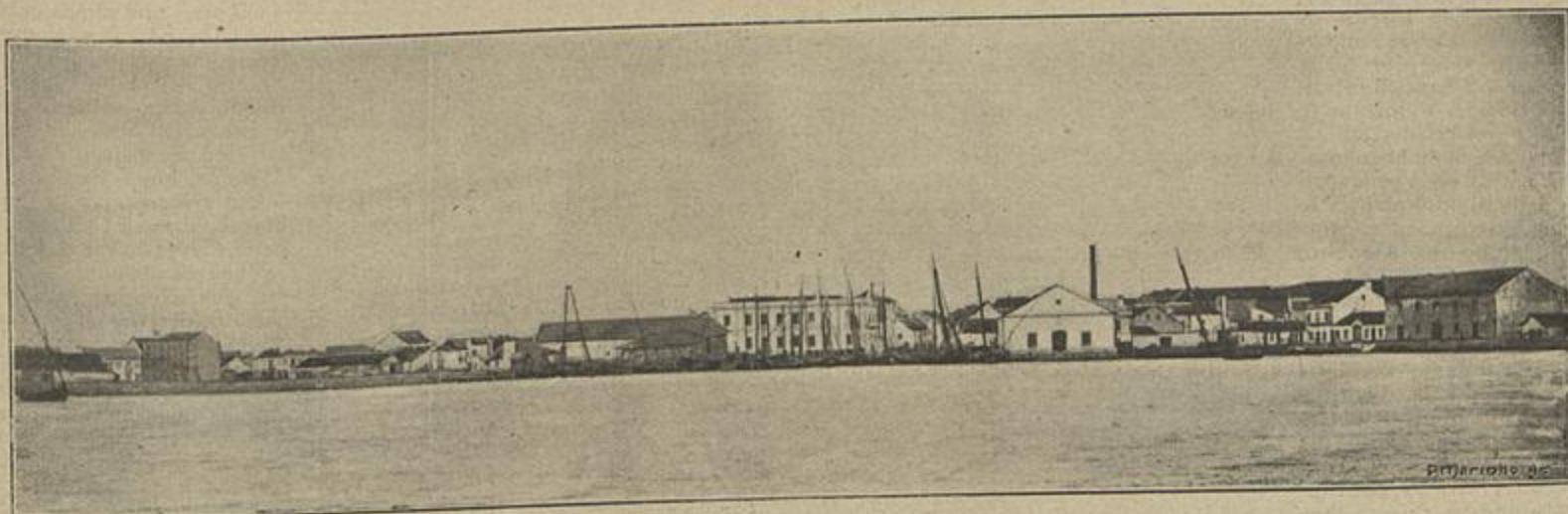
Estiveram Suas Majestades n'esta cidade até 14, em que partiram para Villa Viçosa, e d'ahi para Elvas e para o Caia, e durante esses dias El-Rei andou vendo o que havia n'ella de mais notavel e visitando alguns mosteiros, a que deu esmolas, principalmente o da Cartuxa, padroado da casa de Bragança, e o de Santo Antonio, em cuja egreja estava sepultado o arcebispo de Evora, D. Theotonio.

Uma visita fez porém D. João V, de que não nos consta rezem os historiadores—a da Inquisição; nem é natural que a escrevessem, porque se guardou a seu respeito o maior segredo, em obediencia ás ordens de Sua Majestade; e é d'ella que nos vâmos occupar, transcrevendo o seguinte curiosissimo documento. [1]

«Primeiramente, logo que chegou a esta cidade de Evora, ordenou Sua Majestade ao notario da Inquisição de Lisboa, Thomaz Feyo Barbuda, que fosse levar recado ao inquisidor da primeira cadeira, que determinava ir ver os carceres em sua companhia d'elle e do seu physico-mor, para o que havia de determinar hora certa, e que, como ia occulto, não queria assistencia dos mais ministros; e que havia de fazer a entrada peia porta do alcayde dos carceres; o qual recado aceitou o dito inquisidor, e lhe respondeu que o que Sua Majestade lhe ordenava executaria na mesma forma, e que a toda a hora que Sua Majestade lhe fizesse aviso de que queria ir se abriria a porta do alcayde para por ella fazer a sua entrada.

«Em os 13 do mez de janeiro d'este presente anno de 1729 ordenou Sua Majestade ao dito notario, Thomaz Feyo Barbuda que dissesse da sua parte ao dito inquisidor que pela uma hora da tarde tinha determinado ir ver os carceres em companhia das pessoas já ditas, ao que respondeu que

[1] Relação que o Emm.º Sr. Cardeal da Cunha, Inquisidor-Geral, mandou fazer a esta Mesa do que Elrei nosso senhor passou n'ella nas occasiões que a ella veiu disfarçado, mss. do Arch. Nacional, entre os da Mesa Censoria.

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO — Novo provedor da Real Casa Pia de Lisboa

EXPEDIÇÃO MILITAR AO BARUÉ — Revista das forças expedicionarias em Loanda

ALDEGALLEGA

Copia de uma photographia do sr. José Maria da Silva

faria o que Sua Majestade lhe ordenava; porém, sem embargo d'isso, Sua Majestade não veiu á mesma hora que tinha determinado, porque, tendo sahido fora na manhan do tal dia, se recolheu tarde; mas veiu depois das cinco para as seis horas da tarde; e a este mesmo tempo em que veiu o tinha ido esperar o dito iuquisidor á porta do dito alcayde, por onde fez a sua entrada, recebendo-o ahi com a reverencia devida; e logo Sua Majestade lhe falou com bastante agrado, dizendo que muito bem o conhecia, pelo qué lhe beijou a mão. N'este tempo o veiu acompanhando por dentro das casas do dito alcayde, entrando pela porta que faz serventia para os carceres, e descendo pela escada que fica no primeiro corredor de cima para os corredores de baixo, os quaes Sua Majestade andou vendo; e mandou abrir alguns carceres que estavam desimpedidos, examinando o que havia que ver n'elles. Reparou em alguns serem maiores que outros, por excederem na grandeza uns aos outros, e tambem em alguns serem bastantemente escuros, que mal se vê n'elles. Perguntou se costumavam estar alguns presos juntos, ou se estavam separados; ao que respondeu o dito inquisidor que algumas vezes estavam juntos quando não havia inconveniente para isso. Tambem perguntou que corredores eram os que houve quando teve principio a Inquisição.

«Logo depois de ter visto e examinado os ditos corredores e carceres, o que fez com toda a cautella, foi ver os corredores de cima, acompanhando-o o dito inquisidor; e subiu pela dita escada que faz serventia para os mesmos; os quaes viu; e entrou em alguns que estavam desimpedidos; e, perguntando pelos que tinham presos, mostrou-se-lhe um. Disse o dito inquisidor se queria Sua Majestade que mandasse abrir a porta do carcere e que falasse ao preso, que o estava por culpas de feitiçarias e encantador de animaes; e, ordenando-lh'o assim, falou ao dito preso, fazendo-lhe algumas perguntas geraes: que visse o logar em que estava, e que devia cuidar muito n'isso e tratar do descargo de sua consciencia, e que já tinha tido tempo bastante para o fazer, e outras similhantes a estas. A este tempo esteve Sua Majestade a uma ilharga do carcere, de sorte que o preso o não visse, e tendo mandado afastar o dito physico-mor; e esteve ouvindo as ditas perguntas que se lhe fizeram e respostas que o preso deu; e, por dizer que elle creara uma loba, a qual cubiçara o senhor infante D. Francisco, foi motivo este que causou riso a Sua Majestade.

«N'este mesmo tempo perguntou aonde ficavam os carceres das vigias, dizendo os queria ir ver; e, por ser já tarde, se mandou vir uma vela accesa, para poder subir pela escada que faz serventia para os mesmos, acompanhando-o o dito inquisidor; e lhe foi mostrar o primeiro carcere, em que está um preso por culpas de judaismo, da villa de Extremoz, aonde Sua Majestade se poz de joelhos em a primeira vigia do mesmo, e ahi se deteve por algum espaço de tempo, vendo se via ao dito preso e o que este fazia; e, immediatamente que se ergueu, disse que vira muito mal o preso e que não pudera perceber nada do que elle obrava, e que no particular das vigias devia haver grande cautella a respeito do que as testemunhas juravam do que viam n'elles, porque áquellas mesmas horas podia acontecer que os presos que estivessem nas vigias comessem sem que as testemunhas os vissem comer; e que lhe parecia imperceptivel poderem depor acerteziamente *(sic)* as testemunhas n'este particular, e se o tal preso fazia as obras de christão, rezando as avemarias ou não; e o dito inquisidor respondeu que as testemunhas não depunham senão do que viam; e que ainda áquellas horas se via bastantemente; e que ás horas de avemarias já todos os presos tinham luz nos carceres e se via tudo quanto elles obravam, e se rezavam as avemarias; e que a causa de não ver Sua Majestade áquellas horas o que o preso fazia era porque, tendo vindo da parte dos corredores dos carceres, onde havia luz, a falta d'ella que havia no tal lugar das vigias, que estava escuro, fazia com que Sua Majestade não visse melhor o que pretendia ver; e que as testemunhas que depunham dos jejuns, para fazerem prova ácerca dos mesmos, deviam ser contestes nas coisas que viam e depunham de muitos factos e cerimonias e mais coisas que obravam os presos n'essas occasiões; que não ficava escrupulo algum aos ministros n'este particular para fazerem juizo certo sobre a materia dos jejuns de que ellas depunham; com o que se accomodou Sua Majestade, ficando de outra vez tornar a vir ver mais devagar os ditos carceres das vigias.

«Depois desceu pela mesma escada, acompanhando-o o dito inquisidor, e veiu pelos corredores de cima á porta principal, que tem serventia para a Mesa da Inquisição, por onde entrou; e foi logo ás casas das audiencias, e n'ellas ajoelhou no topo da mesa a uma pintura de um retabulo de um crucifixo; e das janellas esteve vendo o palacio do arcebispo, proçurando fazer memoria da parte para onde ficavam, e o que mais se via d'ellas. Passou a ver o oratorio da Inquisição; tomou agua benta da mão do dito inquisidor, e n'elle ajoelhou; e ultimamente entrou pela saleta para a casa do despacho, a qual viu com muito vagar, examinando o que havia que ver n'ella; e perguntou se na mesma havia o livro intitulado *Directorium Inquisitorum*, e pelo sinete das armas do Santo Officio; o que tudo se lhe mostrou; correu ás janellas e abriu algumas, vendo as partes para onde ficavam e reparando muito n'isso.

«Depois que viu tudo o que havia que ver, lhe disse o dito inquisidor, se queria Sua Majestade entrar no Secreto, que se lhe abriria, e, ordenando-lh'o assim, lh'o abriu, e por serem já avemarias se mandou vir luz, que levou o porteiro que estava na saleta; e logo Sua Majestade entrou pela porta do Secreto, levando juntamente comsigo as pessoas já ditas; e á entrada, da parte da mão esquerda, olhou para uma taboa dos dias que se guardam n'esta Inquisição, assignada pelo illustrissimo senhor bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro, a qual leu toda, e notou que n'ella se manda guardar o dia dos desposorios de Nossa Senhora, que se não guardava na de Lisboa; e lhe disse o dito inquisidor que em todas as Inquisições se guardavam os mesmos dias. Perguntou tambem se se guardavam tambem as vesperas dos dias feriados, ao que deu causa dizer a taboa no fim estas palavras: mandamos que os dias e vesperas dos santos de que n'esta taboa se faz

EGREJA MATRIZ DE ALDEGALLEGA

Copia de uma photographia do sr. José Maria da Silva

menção se guardem como n'ella se contem; ao que satisfez dizendo-lhe que eram só as vesperas dos dias de que na mesma táboa se fazia menção acima, e que a estes mesmos se referia em particular, e não a todos em geral. Entrou mais para dentro, e junto a uma mesa grande, que está da parte direita, aonde escrevem os notarios, viu estar um maço, que eram petições de pretendentes, e, vendo-as, as deixou estar, sem as mandar ler, mas advertiu que melhor fora que os inquisidores não corressem com similhantes negocios, e que houvesse algum ministro deputado para isso mesmo. Chegou aonde está outra mesa mais pequena, aonde escreve o notario Francisco Gonçalves Calvao, por não caberem todos os notarios juntos na grande, e leu em um papel escripto pela mão do mesmo, que continha a memoria de uns nomes, que estava tirando para uns rotulos de maços de processos, que se tinham mandado reformar; logo ahi vendo um processo que estava sobre a mesma, o qual era de Hyeronimo Pimentel, christão-novo, medico, que tinha vindo da Inquisição de Lisboa, e estava para se enlotar com outros, pegando n'elle, e, lendo no rosto do processo, disse: este é o medico de Béja, que sahiu no auto de Lisboa e ficou esperado ou reservado; e, pegando n'elle, o deu ao dito inquisidor, mandando-lhe que lesse o assento que se tinha tomado afinal, e, lendo-lh'o todo, esteve com muita attenção ouvindo; e, depois d'isso, leu os nomes dos ministros d'esta Mesa que assignaram; logo lhe mandou ler todos os mais termos e sessões do processo e assentos que se tomaram na Inquisição de Lisboa sobre a capacidade do dito Hyeronimo Pimentel e merecimento da causa, advertindo muito na variedade de votos e fundamentos que se tinham tomado sobre esta materia; e a este mesmo tempo Sua Majestade ia tambem lendo pelo processo algumas sessões, como foram as ultimas confissões que o reo fez na Inquisição de Lisboa, de que tudo mostrava ter bastante noticia, por perguntar especialmente pelas testemunhas que tinham dado o marquez de Alegrete e conde da Ericeira, que tudo se lhe leu; e ultimamente perguntou ao dito inquisidor que razão teria o Conselho Geral em receber ao dito depois de o ter relaxado; ao que respondeu que não podia dar cabal razão á pergunta, pois ignorava os fundamentos com que se tinha votado n'esta materia; mas que suppunha que com as novas declarações que fez se alterara o estado de seu processo, que moveu o Conselho a tomar novo assento n'elle, recebendo-o; e, emquanto o dito inquisidor estava lendo, pelo processo ser volumoso e se ter dilatado bastante tempo em ler por elle, o mandou sentar, o que recusou. Esteve vendo tambem a mesa do promotor, que fica da parte esquerda, defronte da porta que tem serventia para a Mesa, e folheou em um dos repertorios, e nada mais; e então parou um pouco, e esteve falando com o dito inquisidor e mais pessoas já ditas sobre coisas da Inquisição, e entre ellas no caso de Francisco de Sá e Mesquita, dizendo que não podia comprehender o motivo que teve para dar tantas testemunhas falsas contra as pessoas de Béja; e, por serem perto das oito horas da noite, disse que eram horas de se recolher, e que determinava na volta que fizesse do Caya por esta cidade tornar a vir ver mais de vagar a Inquisição e alguns processos mais; e sahiu do Secreto, acompanhando-o o dito inquisidor, que logo ahi fechou a porta do mesmo com as três chaves costumadas; e, feito isto, veiu até á sala grande da Inquisição, e ahi abriu uma janella, d'onde esteve vendo as luminarias. Perguntou-lhe o dito inquisidor se queria Sua Majestade sahir pela mesma para o pateo ou pela porta do alcayde, por onde tinha entrado, e disse que por ali queria sahir; e, vindo o porteiro e alcayde com duas tochas deante até ao descer da escada, indo no meio d'ella, os mandou retirar, advertindo que embaixo no pateo estavam creados seus, que o podiam conhecer; e, por ficar a escada algum tanto escura, o dito inquisidor lhe offereceu o braço para se encostar, a qual honra lhe fez, encostando-se a elle, levando-o assim pela escada até aos ultimos degraus, aonde se despediu, dizendo adeus e mandando os retirar.»

(Continua) *Ramos-Coelho.*

O esculptor portuguez Silva Gouveia

Publica-se em Paris, vae em dous annos, *La Revue du Bien dans la Vie et dans l'Art*, «orgão mensal litterario e illustrado de todas as bellas e boas obras,» tendo como redactor principal e director Mr. Marc Legrand, distinctissimo poeta, e entre os escriptores francezes da actualidade a quem Portugal deve mais benemerencias.

Correspondendo cabalmente *La Revue du Bien* ás promessas do seu titulo, e tendo-se aberto como tal lugar honroso e bem destacado na litteratura parisiense, colhendo-se de todos os seus numeros lição suggestiva e proveitosa, deparou-se-me a mim que sempre a faço, no seu ultimo n.º, o 8.º do 2.º anno, sahido em 1 do corrente, artigo que vivamente me interessou, parecendo-me que o mesmo deverá succeder com todos os portuguezes que o leiam, pois referente ao sr. F. P. da Silva Gouveia, preclarissimo artista nosso que em Paris está concluindo seus estudos. Sob este ponto de vista accudiu-me o traduzil-o e trazel-o á benemerente redacção do OCCIDENTE para n'este o publicar, se d'isso o julgar digno. E' o que se segue.

Lisboa, 22 de agosto de 1902.

Rodrigo Velloso.

ENTRE OS ARTISTAS

O esculptor Gouveia

> Pourvu que l'art s'y perpétue
> La statuette au corps divin
> N'est pas moindre que la statue,
> Mesurer le beau serait vain.
>
> (*Albert Mérat.*)

No numero dos portuguezes vindos a Paris a matar a sede no manancial vivificante da arte e do saber humano, deve abrir-se um lugar á parte para o esculptor F. P. da Silva Gouveia.

Bem proporcionado em sua pequena estatura, cabeça intelligente, illuminada por scintillantes olhos pretos, bigode e cabellos fartos, apresenta-se nobremente embuçado n'uma capa escura. Nascido no Porto a 18 d'agosto de 1872, ha sete annos que é nosso hospede, mas não ha sete annos que aqui trabalha pois que nos começos embriagado com a atmosphera da moderna Babylonia, deixou-se arrastar pelo exemplo, na onda de alegres e descuidados companheiros.

Esta vida facil, tão avêssa ao recolhimento que requer o verdadeiro talento, não lhe consentiu o continuar muito tempo com o seu primeiro professor Rodin a quem o apresentára o consul de Portugal, Eça de Queiroz. Nem por isso, porém, o Mestre deixou de ser seu amigo.

Depois de ter seguido durante dois annos os preciosos e amigaveis conselhos de Pucch, trabalhou na Escola das Bellas-Artes sob a direcção de Falguière. Comtudo, apesar da sua assiduidade, não foi admittido — é elle o proprio que o diz alegremente — senão ao quarto exame, e dos ultimos, na rua Bonaparte.

Foi com Injalbert e Rolard que se aperfeiçoou na arte de esculptor. Não sem graça, affirma-nos elle que, se não tem ainda a envergadura de Rodin, nem a sciencia de Injalbert — os dous mestres da força robusta e profunda — nem a graça de Denys Pucch, nem o realismo de Rolard, espera comtudo, com um pouco de intelligencia, poder utilisar as lições dos grandes mestres, sem os copiar. Porque é preciso que se diga, com sua altivez nativa Gouveia não acceita nenhum jugo intellectual, preferindo ser antes um fantasista, embora imperfeito do que um copista impeccavel mas sem alma.

Tem fé no futuro, e só pede a Deus que lhe alongue a vida. Comtudo é de uma enleiadora modestia e se lhe viessem dizer que está já nas condições e posição de dar lições a Donatello ou Miguel Angelo, como poderiam fazel-o desavergonhados lisongeiros, profanadores do passado, não os acreditaria!

Gouveia não é um academico; o seu talento aborda todos os generos. E' historico com a sua *Princeza Beatriz de Portugal*, que foi premiada com uma medalha de prata na Exposição de 1900, se bem alguns meticulosos historiadores de sua patria teriam achado a sua figura demasiadamente empertigada, esquecendo-se de que as mulheres da sua epoca não tinham talvez em seus ademanes a graça flexuosa e ondulosa de nossas contemporaneas.

Apresenta-se-nos sentimental e sonhador com a sua *Saudade*, obra premiada no Salão de 1897 e suas delicadas figurinhas, verdadeiras Tanagras modernas. E' mundano com seus bustos, medalhões, retratos-estatuetas, entre os quaes citamos o seu amigo e publicista *Xavier de Carvalho*, e seu tio e protector *Caetano de Pinho*.

Adestrado decorador, modela admiravelmente delicados bibelots: espelhos, vasos, pesos para papeis, vendidos aqui e alli, em Inglaterra, na Austria, na Allemanha, em Paris, na casa Goldscheidr, avenida da Opera. Está na memoria de todos o seu *Exposto* ou *Abandonado* de que a *Revue du Bien* estampou, ha um anno, as primicias. E' uma pequena obra prima d'uma tocante realidade esse pequenino ser tão tristemente pendurado na orgola de portão de casa rica.

Emfim, e não é a face menos sobresaliente de seu talento, é humoristа com um grande numero de caricaturas tão lestamente esboçadas, e de tão curiosos perfis, entre as quaes figuram *Rodin*, na altitude do seu famoso Balzac; o fallecido consul de Portugal, *Eça de Queiroz*, um *Diplomata*, *Lord de Beresford*, todas esfusiantes de veia humoristica e perfeitas na parecensa. A esta collecção acaba de acrescentar-se o divertido quatuor de estatuetas que se admiraram no ultimo salão dos Artistas Francezes, representando, de pé, os seus mestres ou amigos: *Denys, Pucch, Injalbert*, o actor *Dumeny* e *Marc Legrand*.

Por sem duvida esta galeria portativa de celebridades contemporaneas ir-se-ha augmentando com novos typos apanhados com os seus gestos habituaes, em suas attitudes familiares, e avolumará a reputação d'este descendente dos coroplastas da Attica, que usa nos seus cartões de visita do expressivo neologismo «statuettaire.»

B. Fries.

UMA VALSA DE STRAUSS

I

Era a noite de S. Silvestre e havia baile na côrte.

Acabava de entrar a grã-duqueza na galeria, onde se achava a musica do regimento Krahwinkel, seguida da senhora de Wolkenstein, sua camareira-mór, cujo apparecimento causou sensação mais profunda que o da mesma grã-duqueza, e cujo passo pelas salas provocou dictos mais ou menos benevolos.

«Custa-me a crer que haja uma pessoa que se atreva a vir ao baile com um simples vestido de musselina, sem enfeites na cabeça, sem rendas nem pedrarias, exclamou a senhora de Rothenwald.

«Não succedia isto no meu tempo, acudiu, tomando uma pitada, a velha condessa de Nollingen, ex-grã-mestra de cerimonias da côrte. Nem tal cousa poderia dar se, nem a defuncta grã-duqueza o permittiria. Então estava a côrte de outra maneira, e não tardariamos em ensinar os seus deveres a uma enfatuada como essa Ottilia de Wolkenstein...

«Tia, tia, interrompeu Estephania, não viu o ramalhete que a Ottilia traz na mão? E' todo de magnificas rosas de Alexandria.

«Que estás a dizer, menina! replicou a senhora de Nollingen, rosas de Alexandria! Por S. Silvestre! Enlouqueceste? N'este tempo não se encontrariam nem nas estufas do grão-duque.

«E comtudo Estephania diz bem, ponderou a senhora de Rothenwald; eu tambem vi o ramalhete de Ottilia, e desejaria saber quem lh'o deu.

«Talvez fosse o principe, disse a ex-grã-mestra com um gesto de impaciencia.

«Não foi elle, não, minha tia; e se Ottilia não se acautela, o principe foge-lhe; está já meio enamorado da formosa lady Emily.

«D'essa ingleza que tem um cabello que lhe chega á cintura? perguntou a senhora de Rothenwald.

«Sim, minha tia; como lhe fala de cães e cavallos, poderia muito bem succeder que Ottilia achasse n'ella uma perigosa rival. Mas, voltando ao ramalhete, parece-me que adivinhei o mysterio. Domingo estavamos no palacio da grã duqueza, e Ottilia disse deante do conde de Ebersdorf que daria tudo que lhe pedissem por um ramalhete de rosas de Alexandria para o baile d'esta noite. Sabe que em Dilshem ha um velho americano riquissimo que emprega rios de dinheiro no cultivo de flores, de sorte que em casa d'elle se encontram sempre as mais raras, tanto em janeiro como em junho.

«E que prova isso? interrompeu a senhora de Nollingen.

«Espere um pouco, minha tia: o senhor de Ebersdorf sahiu de F... hontem á noite e regressou esta manhã, á hora justamente em que entrava de serviço no paço.

«E crê, disse a senhora de Rothenwald, que Frederico perdesse uma noite para ir a Dilshem buscar rosas para a Wolkenstein? Se elle estivesse enamorado d'ella...

Estephania desatou a rir.

«Ai, que me parece que não anda cá por este mundo a minha querida amiga. Pois ainda não reparou que o conde ha quatro semanas não dansa

o cotillon senão com ella? não sabe que está loucamente apaixonado por Ottilia!

«Sobrinha, acudiu a senhora de Nollingen, melhor fôra que te não occupasses dos negocios alheios: és muito curiosa e linguareira: dois defeitos, qual d'elles mais intoleravel.

«A tia nunca me ralha senão depois de me ter feito dizer tudo que sei, murmurou Estephania.

«Se Ebersdorf ama Ottilia, proseguiu a senhora de Rothenwald, está explicado o motivo por que se negou a dar a mão a Henriqueta de Frankenthal apesar das instancias da côrte. Antehontem o grão-duque, que tem empenho n'este casamento, disse ao conde que lhe daria a commenda do Pelicano no dia em que desposasse Henriqueta.

«E recusou? perguntou a senhora de Nollingen.

«Pediu quatro dias para reflectir.

«Quatro dias para reflectir, quando se tracta da commenda do Pelicano! Reflectir sobre um tal favor, e não tem ainda vinte e cinco annos! O senhores! Quando penso em que meu irmão não alcançou o habito senão aos trinta e nove annos, e a commenda aos cincoenta e seis, e que o meu defuncto marido só recebeu o gran cordão dez dias antes de morrer, aos setenta e cinco annos, e isto depois de ter sido copeiro mór e camarista e intendente do theatro da côrte!... Ai, minha amiga, como os tempos teem mudado! — E a velha condessa levantou-se e foi desafogar a sua indignação n'uma das salas de jogo.

A senhora de Rothenwald agarrou-se ao braço de Estephania e foi com ella ver dansar uma quadrilha.

«É singular, Estephania; olha a Ottilia a dansar com o grande escudeiro, tendo na frente Ebersdorf e Henriqueta.

«Isso é porque S. A. R. ordenou ao conde que dansasse a primeira contradansa com ella. Mas já reparou na Ottilia quando olha para o seu *vis-à-vis*? Quer-me parecer que está furiosa, e que ha de custar caro a Frederico o ter dansado com a Frankenthal, porque a Ottilia detesta-a.

«Acreditas que ella ame o conde?

«Quem? a fria e orgulhosa Ottilia? É incapaz de amar, e ainda que amasse, morreria mil vezes antes de o manifestar. Creio emtanto que ella desejaria dominar o senhor de Ebersdorf, como domina todos os homens que a rodeiam.

«Pode ser; mas não me parece que o consiga, porque Ebersdorf tem um caracter tão indomavel como o d'ella. O amor entre os dois seria um duelo de morte, porque em orgulho ninguem os vence.

Ottilia de Wolkenstein, objecto d'esta conversação, parecia creada para realizar o typo ideal da dignidade feminina, porque déveras não se poderia achar uma forma de cabeça mais classica, nem feições mais puras e perfeitas. Os seus magnificos cabellos de um louro escuro apartavam-se n'uma fronte imperial; o seu olhar orgulhoso e o desdem habitual da sua bocca pareciam dizer que não existia na superficie da terra nada que fosse digno d'ella. Educada na côrte e sob as vistas da grã-duqueza, que lhe manifestava um affecto quasi materno, muito cedo foi Ottilia o alvo das homenagens do pequeno circulo que a rodeava. A sua grande belleza junta á posição que occupava, encadeou-lhe aos pés todos os homens do grão ducado, a começar pelo principe herdeiro. Os triumphos que alcançava, e a adoração e a inveja que por toda a parte a seguiam, em breve abafaram n'ella o germen de sensibilidade e de amor que toda mulher tem no coração, e augmentaram até o extremo a sêde de dominio que todas sentem. Para Ottilia viver era reinar, mas reinar no mundo todo.

Demasiadamente fria para apreciar no seu verdadeiro valor o sentimento que outrem por ella tivesse, não exigia tanto um amor exaltado e profundo, quanto a mais completa abnegação da vontade, e uma obediencia cega aos caprichos do seu amor proprio. Apesar do desdem que oppunha a todas as solicitações — e talvez por causa d'esse desdem se viu cercada de aspirantes desesperados e loucamente enamorados — não se lhe acercava um homem sem que perdesse a cabeça, e nenhum d'elles podia explicar a causa do raro prestigio d'aquella moça orgulhosa. Uns attribuiam-n'a a influencia magnetica, outros ao seu ar de quietação e de serenidade real que seduzia e attrahia como o aspecto de um bonito lago transparente em que se reflecte um céo sem nuvens. Outros pensavam achar o segredo da sua seducção no som da voz, argentina e deliciosa, a que nada resistia. Mas com quanto não pudessem adivinhar a causa do seu poder, nem por isso deixavam de sentir-lhe os effeitos, e todos continuavam a adoral-a sem esperança.

Terminada a quadrilha, procurou o grande escudeiro conduzir Ottilia ao seu logar, mas a multidão ás vezes tolhia-lhes o passo.

N'uma d'estas paragens forçadas acharam-se atrás de lady Emily e de sua mãe.

«Não te comprehendo, Emily, dizia a matrona; porque recusaste o cotillon ao senhor de Thalheim?

«Porque quasi tenho a certeza de o dansar com o principe.

«Com o principe! Elle já te disse alguma cousa?

«Não: mas não ha muito tempo perguntou-me se eu já tinha visto as cavallariças do grão-duque, e em seguida se eu gostava de dansar o cotillon; e ao ouvir a minha resposta affirmativa, disse *tambem eu*. Isto é o mesmo que ter-me convidado.

A mãe abanou a cabeça com ar de incredulidade. Ottilia, que ouvira este dialogo, graças ao seu conhecimento do idioma inglez, propôs-se transtornar os planos e burlar a esperança de lady Emily.

«Quem é o feliz mortal com quem vais dansar a valsa da meia noite? [1] perguntou a grã-duqueza, sorrindo, á sua bella favorita, no momento em que se ouviram ás onze e meia os primeiros compassos da *Gabriela*, a perola das valsas de Strauss.

Ottilia mal acabava de nomear o senhor de Ebersdorf, quando este se apresentou a reclamar o seu par.

E' impossivel conceber se o effeito d'estas deliciosas valsas, a não se ter passado algum tempo em Allemanha: valsas umas vezes doidas e alegres, outras vezes melancholicas, ora brandas, requebradas, ora violentas, bellicosas, que enthusiasmam e enternecem á maneira de uma inspiração os mesmos que as dansam; porque n'um baile allemão a musica e a dansa não são cousas separadas, senão partes do todo; de sorte que, para uma valsa de Strauss, tão necessarios são o ruido das esporas, o ruge-ruge das sedas e a bulha dos pés, como os instrumentos da orchestra.

A' meia noite em ponto interrompe se a valsa, a orchestra saúda com alegres harmonias a chegada do anno novo, todos se abraçam, todos se beijam, todos se felicitam, todos gosam. No meio d'este jubilo infernal, quiz Frederico tambem desfructar o doce privilegio que lhe dava o tão desejado momento; ao inclinar-se porém para imprimir os labios na fronte de Ottilia, feriu-lhe esta terrivelmente o amor proprio.

A sua cortezia e outros sentimentos mais dominantes não permittiam ao conde olvidar o que estava tractado; assim, no momento em que todos se preparavam para o cotillon, dirigiu-se-lhe a lembrar-lhe o seu compromisso, apparentando alguma frieza.

— Digne-se perdoar a minha má memoria, disse Ottilia com ar desdenhoso; esqueci o que quer recordar-me, e acabo de comprometter-me com outro cavalheiro.

Frederico tremia de colera.

— Posso ter a honra de saber quem é esse cavalheiro? perguntou, esforçando-se por mostrar serenidade.

O principe interrompeu-os, dando a mão a Ottilia e dizendo em voz alta a Frederico:

— O senhor Ebersdorf dá-nos o gosto de dirigir o cotillon.

Frederico collocou-se com a senhora de Frankenthal á esquerda de sua alteza. No mesmo instante lady Emily e sua mãe atravessaram o salão e retiraram-se.

A casualidade e as mil e uma figuras d'esta caprichosa dansa, fizeram com que Ottilia e Frederico se achassem juntos alguns momentos e quasi sós.

— Agradeço-lhe, senhora de Wolkenstein, disse o conde em tom depreciativo, agradeço-lhe a lição que acaba de dar-me; tão alto ou tão baixo se collocou, que não posso deixar de manifestar-lhe a minha gratidão por me ter aberto os olhos a tempo.

— Que quer dizer isso, senhor conde?

— Que não tenho nada que ver com as amantes dos principes.

A orgulhosa Ottilia mal teve tempo de responder com um olhar terrivel a tão ultrajantes palavras, porque o seu regio companheiro a tomou para dansar, n'aquelle instante em que pela primeira vez da sua vida se via profundamente humilhada e fóra da sua calma e dignidade habituaes. Emtanto, occultando a raiva que lhe devorava o coração sob uma apparencia de leviandade, recebeu as attenções de todos e as do principe, ao lado do qual permaneceu durante a ceia e quasi o resto do baile.

Franz.

(Continúa).

[1] A valsa da meia noite de S. Silvestre é muito desejada de todos os dansadores, porque ao soar a primeira badalada do relogio, que toca a ultima hora do anno, tem-se o privilegio de dar um beijo no par.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXXIII

Na conhecida revista americana da especialidade «Nord Photographe», vem publicada, ha tempo, uma nova formula para revelar as chapas, por meio do amidol e hydroquinone.

As soluções a empregar são as seguintes:

A	Agua	1:000 cm3
	Hypposulphito de Soda	16 gr.
	Amidol	5 gr.
B	Agua	1:000 cm3
	Hypposulphito de soda	40 gr.
	Hydroquinone	10 gr.

Os clichés são revelados, tomando-se de cada uma das soluções:

Solução A	16 cm3
» B	1 cm3
Agua	16 a 20 cm3

No caso de se pretender accelerar a revelação bastará juntar á mistura dos liquidos, 20 a 30 gottas de solução saturada de hypposulphito de soda.

XXXIV

Novo processo para reforçar *clichés*. Feita a fixagem d'estes e depois de os ter lavado cuidadosamente, devemos immergil-os n'uma tina, contendo o seguinte banho:

Sulpho-cyaneto de mercurio	10 gr.
Chloreto de sodio	10 gr.
Agua	500 gr.

Depois de se reconhecer que o cliché attingiu o resultado desejado retira-se do banho, lavando-o depois, n'uma corrente de agua fria. Este processo apresenta a vantagem, sobre o bichloreto de mercurio, de não fazer desapparecer a miragem, nas chapas, e tornando-a, a pouco e pouco, mais vizivel.

Desejando reforçar ainda mais o cliché, poderemos, depois da lavagem, sujeital-a a um novo banho de:

Agua	100 cm3
Ammoniaco	4 cm3

obtendo-se assim um tom que pode variar do castanho ao negro, se se substituir o amoniaco, por um banho de 15 gr. de hypposulphito de soda em 100 gr. de agua.

METEOROLOGIA

Agosto-Setembro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			
31	765,1	24,3–16,2	Alg. Nuvens	N	mm
1	764,0	24,8–16,8	Nublado	E	0,0
2	762,1	22,6–17,8	Alg. Nuvens	SW	0,0
3	762,5	24,9–17,0	Nublado	WSW	0,0
4	766,1	22,6–14,5	Alg. Nuvens	N	0,0
5	768,2	22,7–15,3	» »	»	0,0
6	765,9	23,7–16,2	Limpo	»	0,0
7	761,7	20,5–15,8	Encoberto	NW	0,0
8	759,1	20,8–14,7	Nublado	SSW	0,0
9	762,0	21,2–16,0	»	SW	2,1
10	765,1	22,8–18,0	»	NNW	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

O tempo tem-se conservado mais ou menos brusco durante a primeira dezena de Setembro, baixando a temperatura, regularmente, até 10, e conservando se sempre, um pouco abaixo da normal. Em 5, a pressão atmospherica attingiu 768,mm2, nivel muito elevado para este mez. No Porto, n'esse mesmo dia, o barometro marcou 770,mm1. No dia 8 e até 10, o vento conservou-se do SW produzindo-se algumas chuvas no reino sobretudo nos postos do norte. Observaram-se nevoeiros, nos dias 2 e 10, em Lisboa, sobretudo n'este ultimo dia, em que se tornou intenso. Relampagos nos postos do Alemtejo e Algarve, nos dias 7 8.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO JOSÉ BENTO FERREIRA D'ALMEIDA

Um telegramma recebido em Lisboa, no dia 5 do corrente, trouxe a triste noticia, infelizmente já esperada, do fallecimento em Liorne do conselheiro Ferreira d'Almeida, que ali se encontrava em commissão, presidindo aos trabalhos de reconstrucção do *Couraçado Vasco da Gama* nos estaleiros dos constructores navaes Orlando.

Era o sr. Ferreira d'Almeida de boa tempera pois que conservou toda a energia de seu caracter até, por assim dizer, aos ultimos momentos de vida, tão prematuramente arrebatada, victima de um anthrax resultante de diabetes.

Nasceu José Bento Ferreira d'Almeida, em Faro a 7 de maio de 1847, filho de Manoel Joaquim d'Almeida. Assentou praça de aspirante de marinha extraordinario, em 20 de maio de 1867 e em 23 de outubro de 1869 foi promovido a guarda marinha, seguindo regularmente os postos immediatos até ao de capitão de mar e guerra, em 28 de março de 1901.

Foi official prestante e intelligente no desempenho das differentes commissões de serviço que lhe confiaram, sendo as mais importantes as do commando das corvetas *Duque de Palmella, Estephania Couraçado Vasco da Gama* e das escolas de alumnos marinheiros do Algarve e do Porto, immediato da escola pratica de artilharia naval e instructor da mesma escola.

Governou de janeiro de 1880 a setembro do mesmo anno o districto de Mossamedes pelo que foi louvado pelo governador da provincia d'Angola.

Figurou na politica vantajosamente como parlamentar e ministro.

Deputado nas sessões legislativas de 1884 a 1901 em que foi nomeado par do reino, a sua voz fez-se ouvir sempre em questões importantes, muito especialmente nas de administração publica.

De temperamento sanguinio e arrebatado não conhecia correligionarios ou adversarios quando possuido da justiça da sua causa. Isto deu logar a, em plena camara, na sessão de 1887, agredir corporalmente o ministro da marinha, então sr. Henrique de Macedo, por se julgar offendido por uma phrase d'este sr.

A sessão encerrou-se em desordem e o ministerio reunindo depois resolveu mandar prender Ferreira d'Almeida, o que assim se effectuou, sendo depois conduzido para bordo do *Vasco da Gama*.

A camara alta, que reuniu em 18 de agosto d'aquelle anno, sob a presidencia de Barros e Sá, representando o ministerio publico o conselheiro Annibal Martins, escrivão Luiz de Sequeira e advogado do reu o dr. Luciano Monteiro, para julgar Ferreira d'Almeida, condemnou-o por maioria a quatro mezes de prisão, levando em conta a já soffrida, de 7 de maio até á data do julgamento. A esta sessão assistiram setenta e um pares do reino.

Ferreira d'Almeida que primeiro se filiou no partido progressista, abandonou este partido, pelos motivos acima expostos e passou a militar no partido regenerador, mas com certa independencia, que de resto estava em harmonia com o seu caracter, pois que o faciosismo partidario não era sua feição, que lhe tolhesse o criterio ou calasse a voz da justiça.

Esta sua independencia não o impediu de acceitar a pasta de ministro da marinha em 1805, no ministerio presidido pelo sr. Hintze Ribeiro.

A sua gerencia n'aquella pasta foi das mais fecundas em actos de administração tendentes á boa economia sem desorganisação de serviços, antes cortando por abusos.

Foi sob sua gerencia que se organisou a primeira expedição militar a Africa, em 1895, inicio das que se lhe seguiram com tanto proveito e gloria para Portugal.

Com a morte de Ferreira d'Almeida perdeu a marinha portugueza um dos seus mais distinctos officiaes e o paiz um dos seus cidadãos mais prestantes.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOSÉ BENTO FERREIRA D'ALMEIDA

FALLECIDO EM LIORNE NO DIA 4 DO CORRENTE

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Almanach dos Reporters *para 1903 — Directores Luiz da Silva e Albino Sarmento — Lisboa — Livraria Moderna, 1902.*

Attingiu o seu quinto anno de publicação este interessante almanach, sempre acolhido lisongeiramente pelo publico. Encerra um grande numero de artigos litterarios e poesias, acompanhados de uma vasta galeria de retratos de homens de letras, magistrados, etc.

O antigo periodico Lisbonense *Diario de Noticias* mereceu aos illustrados directores do almanach a maior attenção, publicando-lhe os retratos dos fundadores, redactores, administrador, grupo do pessoal typographico, etc., constituindo uma verdadeira homenagem áquelle importante jornal.

O commercio e a industria contribuiram tambem generosamente com os seus annuncios para tornar interessante e util o *Almanach dos Reporters*.